

# A QUESTÃO DA VONTADE: HANNAH ARENDT E O CONFLITO ENTRE FILOSOFIA E POLÍTICA

THE QUESTION OF WILL: HANNAH ARENDT AND THE CONFLICT BETWEEN PHILOSOPHY AND POLITICS

Elizabete Guerra\*

**RESUMO:** O trabalho pretende mostrar as inquietações que levaram Hannah Arendt a operar uma espécie de reviravolta em seu pensamento. Estas reflexões estão presentes em sua obra – póstuma e inacabada – *A vida do espírito*. Nestes escritos, Arendt ocupa-se em analisar o que considera as atividades espirituais básicas do homem, o pensar, o querer e o julgar, conferindo especial atenção à faculdade da vontade, processo mental que parece impelir os indivíduos à ação. É nesse sentido que a pensadora alemã identifica a existência do conflito entre o ego pensante e o ego volitivo, ou seja, entre a filosofia e a política. Objetiva-se ainda evidenciar as relações existentes entre *A vida do espírito* e os textos que compõem a obra, igualmente póstuma, *Responsabilidade e julgamento*, na qual Arendt dedica-se à questão da moralidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenomenologia. Espírito. Razão.

**ABSTRACT:** The study aims to show the concerns that led Hannah Arendt to operate a kind of reversal in her thought. These reflections are present in her work - posthumous and unfinished - *The Life of the Mind*. In these writings, Arendt is concerned with analyzing what she sees as the basic spiritual activities of man, thinking, willing and judging, with special attention to the will, a mental process that seems to impel individuals to action. In this way, the German thinker identifies the existence of a conflict between the volitional and thinking ego, i.e., between philosophy and politics. Another goal is to show the relationship between *The Life of the Mind* and the texts that make up the work, also posthumous, *Responsibility and Judgment*, in which Arendt is dedicated to the issue of morality.

**KEY WORDS:** Phenomenology. Spirit. Reason.

*Theleson aresai autos seauto.*  
(Queira estar satisfeito, tu contigo mesmo).

Epiteto

Com os escritos que compõem sua obra *A vida do espírito* (1992), Hannah Arendt opera uma espécie de reviravolta em seu pensar. Momento em que se afasta do espaço das

\* Doutoranda em Filosofia-UFSC. Contato: betiguerra@yahoo.com.br

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

aparências e dedica-se, finalmente, à Filosofia<sup>1</sup>. Nesta sua obra, considerada a única propriamente filosófica, Arendt, preocupada em entender o mundo interior, identifica o pensar, o querer e o julgar, como sendo as três atividades espirituais básicas.

Obra póstuma e incompleta, *A vida do espírito*, título que a própria autora considerou pretensioso, originou-se de suas análises acerca do julgamento do oficial nazista Adolf Eichmann, ocorrido em Jerusalém<sup>2</sup>. Sabe-se que este oficial foi um dos principais organizadores materiais do extermínio dos judeus orientais na Segunda Guerra Mundial. Ressalta-se que aquilo que Arendt considerou como sendo a ausência de pensamento no oficial nazista despertou-lhe o interesse sobre como se dá o processo do pensar, ou não-pensar, e onde se encontra o homem quando está pensando, ou ainda, quando exerce sua vontade. Para Arendt, a irreflexão de Eichmann representou o não comprometimento do homem com o futuro da humanidade. Sua incapacidade de pensar provocou-lhe profundas reflexões que contribuíram para que, a partir daí, se ocupasse em tentar recuperar a capacidade de pensar os grandes problemas da existência. Pode-se dizer que uma das hipóteses que orienta as últimas investigações de Hannah Arendt é a de saber se há alguma relação entre o mal e a irreflexão. Contudo, percebe-se que, além de tentar esclarecer as controvérsias geradas pelas conclusões tiradas daquele tribunal, em *A vida do espírito* o esforço de Arendt concentra-se em compreender o que significa a moralidade, entendida como sendo a diferença entre o bem e o mal. Salienta-se que o “mal” a que se refere Hannah Arendt é mal “radical”, aquele situado fora de qualquer modelo histórico ou ideológico, cuja raiz aparecera pela primeira vez no mundo durante os regimes totalitários, em particular o Holocausto, e que, para ela, poderia ter sido vencido pela faculdade do pensamento. A novidade introduzida por Arendt em seu relato sobre o julgamento de Eichmann é o conceito

<sup>1</sup> Segundo sua biógrafa, Elizabeth Young-Bruehl, Hannah Arendt não chamaria a si mesma de filósofa porque era muito crítica em relação à atitude para com a política, que considerava endêmica à filosofia. Arendt acreditava que os filósofos ocidentais, do julgamento e a condenação de Sócrates até o século XIX, haviam estado mais preocupados em como a filosofia poderia avançar com uma perturbação mínima por parte do reino político. Isto não significa dizer que os grandes pensadores não tenham se preocupado com a política, mas que a política não era considerada um domínio onde pudessem surgir questões filosóficas genuínas. Young-Bruehl assinala que para Arendt, “a cada vez que a era moderna teve razões para ter esperanças em uma nova filosofia política, recebeu em lugar disso uma filosofia da história”. (YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997, pg. 289).

<sup>2</sup> Com a obra *Eichmann em Jerusalém*: Um relato sobre a banalidade do mal (1963), resultado de sua cobertura, como jornalista, do julgamento deste oficial nazista, Arendt causou polêmica e enfrentou várias controvérsias. Teve algumas amizades íntimas abaladas e até destruídas, e ficou isolada de quase toda a comunidade judaica em todo o mundo. Devido ao seu conceito de mal banalizado, Arendt sofreu acusações de ter trivializado ou diminuído a culpa de Eichmann por sua participação “monstruosa” no regime de Adolf Hitler.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

de “banalidade do mal”, este “mal” que aparece na figura de um homem com pouca inteligência, e que entre os traços que definem sua personalidade destacam-se a predisposição a obedecer ordens, e, sobretudo, a incapacidade de pensar. Para Arendt, abdicar da capacidade de pensar significa ser incapaz de assumir a perspectiva do outro, e considerá-lo qualquer coisa ou um não-humano.

No que pode ser considerada sua fenomenologia da *vita activa*, que constitui seu livro precursor *A condição humana* (1958), Hannah Arendt, na tentativa de entender a política na modernidade, propõe a diferenciação entre as atividades do labor, do trabalho e da ação. De acordo suas análises, pode-se constatar que a ação política praticamente inexistente na era moderna pelos principais motivos que seguem: (a) a perda do espaço público capaz de abrigar as ações políticas dos cidadãos; (b) a alienação do homem em relação ao mundo; (c) a descaracterização da política como atividade capaz de representar a liberdade humana, considerada a *raison d'être* da política; (d) as ações econômicas ocupando o cenário político e transformando o Estado em uma esfera praticamente administrativa; (e) a passividade, a apatia política e a irreflexão como características marcantes do homem moderno. Tendo presente estas considerações, entende-se a necessidade de Hannah Arendt em voltar-se à vida do espírito na busca pela compreensão de como se dá não apenas o **Pensamento**, ou a reflexão, mas também, como pode ser caracterizada a liberdade do homem. E ainda, se esta liberdade está ou não relacionada com a suposta faculdade da **Vontade**<sup>3</sup>, ou do querer. Arendt investiga se a Vontade pode ser considerada a fonte da ação, e norteadora de nossa conduta. Pois, a faculdade da Vontade parece ser aquele processo mental que impele os indivíduos a agir. Sendo assim, Arendt questiona: sem uma vontade, como esta ação se tornaria possível?

Pode-se considerar que nas várias esferas em que Hannah Arendt direcionou seu pensamento, o que guiava suas reflexões era sempre o desejo não apenas de compreender tais fenômenos, mas, sua pretensão era também a de julgá-los<sup>4</sup>. Isto explica sua constatação de que o regime totalitário, que teve sua gênese elaborada em sua célebre obra *Origens do totalitarismo* (1951), não se encaixava em nenhum de nossos padrões de juízo. Da mesma forma, quando expressou seus próprios juízos sobre o julgamento de Eichmann, sem se

<sup>3</sup> A palavra “Vontade” aparecerá aqui com letra maiúscula pelo fato de se ter mantido a grafia arendtiana que aparece em sua obra *A vida do espírito*.

<sup>4</sup> De acordo com Elisabeth Young-Bruehl, “julgar é o que Hannah Arendt, teórica e comentarista política, fez durante a maior parte de sua vida como escritora”. (YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997, pg. 408).

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

importar se estariam ou não de acordo com o posicionamento que dela esperavam. A faculdade de **Julgar**, aquela que capacita o homem a pronunciar-se sobre coisas ou situações particulares, também fazia parte do projeto de Arendt quando elaborou as diretrizes para conhecer a vida do espírito. Porém, suas investigações foram interrompidas por sua morte, em dezembro de 1975. Entretanto, apesar desta faculdade do espírito não ser o principal objeto de consideração do presente trabalho, pode-se buscar apoio acerca desta questão nos excertos de suas conferências sobre a filosofia política de Kant, nos quais a autora ocupou-se com esta temática. Afinal, foi Kant quem descobriu a faculdade do juízo, que está estreitamente ligada ao gosto, isto é, ao sentido que lhe corresponde. Foi com o advento da *Crítica do juízo* de Kant que esta faculdade tornou-se um grande tópico.

Ao considerarmos o *self* como sendo o núcleo das atividades do espírito, e o mundo como sendo o núcleo das atividades da *vita activa*, pode-se conectar as últimas reflexões de Hannah Arendt à toda sua preocupação com o sentido e a dignidade da ação política, expressa em suas obras anteriores, que desembocaram, por assim dizer, em sua *A condição humana*. Agora, o intuito de Arendt é o de saber em que medida as atividades mentais de pensar, de querer e de julgar estendem-se ao âmbito da política. No dizer de Bethânia Assy:

A partir de *Responsabilidade e julgamento*, em se tratando de uma ética arendtiana, não se pode relegar o ‘espaço entre’, que vincula o *self* das atividades de *A vida do espírito*, e o *quem* somos na visibilidade do espaço público das atividades de *A condição humana*<sup>5</sup>.

Nesse sentido, é a própria Arendt quem nos diz logo no primeiro capítulo de *A vida do espírito* intitulado “Aparência”: “Ser e Aparecer coincidem”<sup>6</sup>.

Encontra-se na obra - também póstuma - *Responsabilidade e julgamento* (2004), uma coletânea de ensaios extraídos de conferências, cursos, palestras e pronunciamentos proferidos por Arendt durante os anos de 1960 até meados da década de 1970. São escritos que mantêm, direta ou indiretamente, relação com as últimas reflexões da autora de *A vida do espírito*. Nestes textos, Arendt ocupa-se com a questão da moralidade – na sua origem latina, ou ética, na sua origem grega -, da responsabilidade e do que considera as atividades fundamentais da condição humana, já citadas aqui: pensar, querer e julgar. Arendt preocupa-

<sup>5</sup> ASSY *apud* ARENDT, Hannah. *Responsabilidade e julgamento*. Tradução Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pg. 37.

<sup>6</sup> ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, pg. 17.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

se não apenas com a incapacidade de pensar, mas também com a recusa dos indivíduos em assumir responsabilidades pessoais e políticas pela própria conduta.

Ao voltar-se para o mundo interior, Hannah Arendt acaba retomando a questão que parece ser eterna: como estabelecer uma distinção entre o pensamento e o saber, ou entre o significado e a cognição? Esta questão, que fora colocada por Kant e retomada por Heidegger, vem ao encontro de suas inquietantes análises acerca do julgamento de Eichmann. Arendt quer saber se a irreflexão pode levar à ignorância entre o bem e o mal. Pode a ausência de pensamento justificar a falta de responsabilidade? Arendt constata que esta irreflexão é diferente da estupidez, uma vez que é comum ocorrer em indivíduos inteligentes, e acredita que esta espécie de esquecimento mental acontece por escolha. Nesse caso, sua hipótese é a de que a **Vontade** parece ser soberana. Através da Vontade o homem pode decidir. Para Arendt, a faculdade da Vontade é a faculdade da liberdade. Pois, “apenas a vontade é a causa total de volição da vontade”. Diferente processo ocorre com o **Julgar** e com o **Pensar**, que parecem ser mais vulneráveis. Pois, Arendt percebeu não haver padrões gerais que possam determinar de forma infalível o nosso julgamento, já que para perguntas específicas devem ser dadas respostas específicas. Nesse caso, a faculdade da Vontade pode ser considerada como sendo o árbitro da faculdade de julgar. Fato que caracterizaria o conflito entre o pensamento e a ação, ou, entre a filosofia e a política. E quanto ao pensamento pode ocorrer, em determinadas situações, estar totalmente ausente da conduta humana.

Arendt avisa que o segundo volume de sua *A vida do espírito* será dedicado à faculdade da Vontade, e, por conseguinte, ao problema da liberdade. Embora admitindo que o espírito que *pensa* seja o mesmo que *quer*, e que o mesmo *eu* une corpo, alma e espírito, Arendt constata a existência de um conflito básico entre as experiências do ego pensante e as do ego volitivo. Isto pode explicar o fato da faculdade da Vontade ter sido considerada uma mera ilusão da consciência, e de sua existência ter sido ignorada por longo tempo. O fato observado pela autora é que esta faculdade inexistia na Antigüidade grega, e foi Paulo o primeiro a considerar a Vontade e as experiências do ego volitivo, no ano I da Era Cristã.

Arendt parte da evidência de um “eu quero”, que considera como testemunho da existência do fenômeno da Vontade, e analisa esta faculdade do espírito em termos de sua história. O fio condutor de sua análise é o de considerar a Vontade como fonte de ação, ou seja, como poder de começar algo novo de forma espontânea, assim como pensava Kant. O que Arendt deseja saber é como esta faculdade, que ao trazer o novo é capaz de mudar o

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

mundo, e que pode também ser-lhe atribuída a capacidade de escolher e decidir pode funcionar no espaço das aparências, no mundo público, na política.

Em sua análise histórica sobre a Vontade, Hannah Arendt encontra na Era Moderna, em Nietzsche e Heidegger, o reconhecimento da Vontade como uma das importantes faculdades do espírito. Muito embora, segundo sua constatação, Nietzsche parece repudiar a Vontade e o ego volitivo, “cujas experiências internas levaram os homens pensantes ao engano de supor que há algo como causa e efeito, intenção e meta na realidade”<sup>7</sup>. Deve-se lembrar que para Nietzsche, o super-homem é aquele que supera estas falácias e resiste às urgências da Vontade, imobilizando-a. Arendt percebe também que a noção heideggeriana da Vontade é em termos de autocracia, ou da vontade-de-poder<sup>8</sup>, que estaria associada com a crescente e destrutiva dominação tecnológica. Sendo assim, Heidegger teria repudiado o querer e se voltado para o pensar. Já que em Heidegger, o próprio pensar seria uma espécie de agir. Nesse caso, para Arendt, Heidegger estaria rejeitando a própria possibilidade da política. Arendt constata que houve, tanto em Nietzsche quanto em Heidegger, um confronto com a Vontade como faculdade humana, e não como categoria ontológica. Este confronto teria instigado ambos a repudiar esta faculdade, “e a depositar sua confiança na casa fantasmagórica de conceitos personificados”<sup>9</sup>, construída pelo idealismo alemão. “Casa” construída e decorada pelo ego pensante, em oposição ao ego volitivo.

Vale dizer que, se a princípio, Hannah Arendt especula a existência da faculdade da Vontade, ao longo de suas análises acaba não apenas tomando partido por ela, como também defendendo o primado da Vontade entre as faculdades espirituais. Arendt parte do pressuposto de que a Vontade, que pode ser vista como o órgão do futuro, além de ser a faculdade responsável pelo agir humano, atua como o árbitro da faculdade de julgar. Então, quer saber, entre outras coisas: como se dá o processo mental da Vontade? Onde está o homem quando exerce seu querer? O que põe a Vontade em movimento? O que faz a Vontade querer? São estas inquietações de Hannah Arendt que nos levam a suspeitar que haja uma faculdade da

<sup>7</sup> ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, pg. 315.

<sup>8</sup> Segue-se neste trabalho, a opção de Marco Antonio Casanova, em traduzir a expressão nietzscheana “Wille zur Macht” como “Vontade de poder”, e não como “Vontade de potência”, tal qual aparece na tradução portuguesa da obra arendtiana, *A vida do espírito*.

<sup>9</sup> ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, pg. 305.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------

Vontade que sobrevive às críticas e ao repúdio dirigidos ao querer ao longo da História, bem como aos estilos kantiano e heideggeriano de abordar esta questão.

### Referências

- ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Responsabilidade e julgamento*. Tradução Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 31-37
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-----------